

O neoliberalismo não cria raízes

EQUADOR Apesar da recontagem dos votos e das denúncias de fraude, os eleitores preferem os candidatos progressistas

POR MURILO MATIAS

Os equatorianos fizeram uma opção clara nas urnas no domingo 7, independentemente de quem enfrentar o jovem economista Andrés Arauz, candidato do ex-presidente Rafael Correa, no segundo turno marcado para abril. Dois em cada três eleitores escolheram um projeto progressista e inclusive e rejeitaram a cantilena neoliberal, encarnada no banqueiro Guillermo Lasso, que disputava voto a voto com o líder indígena Yaku Pérez o posto de adversário de Arauz. Pérez esteve na frente durante a maior parte da apuração, mas foi ultrapassado por Lasso quando faltava 1% da contagem de votos. Até o fechamento desta edição, a situação continuava indefinida.

Para piorar, a decisão do Conselho Nacional Eleitoral de recontar os votos quando faltava conferir menos de 3% das urnas alimentou uma desconfiança generalizada no país e levou os partidários de Pérez a levantarem a tese de fraude eleitoral. Àquela altura, o líder indígena mantinha uma estreita vantagem sobre Lasso, 20,09% contra 19,5%. Arauz contabilizava 32,2% dos votos válidos. “Queremos denunciar

como se cozinha uma fraude eleitoral. Nossa candidatura é muito forte, aos correístas convém um candidato débil como Lasso no segundo turno. Vamos defender os votos dos equatorianos, a decisão do povo deve ser respeitada”, declarou o líder indígena, que mobilizou sua base para acompanhar de perto a revisão de cerca de 1,5 milhão de cédulas.

A campanha de Arauz fez o mesmo. Uma ampla rede com 36 mil militantes foi destacada para não apenas monitorar os trabalhos dos fiscais, mas garantir uma recontagem paralela. Os militantes da Revolução Cidadã estão escaldados com os

últimos anos de perseguição ao movimento, cujo principal líder, Correa, se declara vítima de *lawfare* nos moldes aplicados pela Lava Jato contra Lula. “Sofremos muita calúnia nos meios de comunicação. Quiseram ‘descorreizar’ o país, mas, para tanto, as elites teriam de ter feito um bom trabalho durante os anos em que governaram ao lado de Lenín Moreno, inclusive com o apoio de Yaku. O povo não acredita mais nas notícias da televisão, e sim na realidade das suas geladeiras vazias. Ele tem memória, mesmo as bases do Pachakutik sabem quando viveram melhor e tiveram acesso a seus direitos”, afirma Viviana Paredes, candidata à Assembleia Nacional pelo Centro Democrático, abrigo dos integrantes da Revolução Cidadã. A crise é grave. Cerca de 70% dos equatorianos estão desempregados ou vivem de bico. A pandemia, além de expor a falência do sistema de saúde, só aumentou a miséria e a desigualdade.

A dura realidade talvez explique o isolamento de Lasso. Além dos mais de 30% de Arauz e dos 20% de Pérez, versão equatoriana de Marina Silva com apelo popular, surpreendeu a votação de Xavier Hervas, da Esquerda Democrática, com 16%.

Hervas seria o equivalente a um social-democrata que defende pautas arrojadas no campo dos costumes, entre elas a descriminalização do aborto, um tabu no país. O empresário valeu-se do fenômeno das redes sociais – seus vídeos no Tik Tok se tornaram febre – e da *performance* nos debates. Boa parte de seus votos veio de grandes centros urbanos, como Guayaquil e Quito. “Somos a quarta força política do Equador desde domingo e teremos presença na Assembleia Nacional, certamente com um bloco de parlamentares muito interessante”, pontua María Jijón, vice na chapa de Hervas.



Mais de 1,5 milhão de cédulas serão recontadas



Arauz (destaque) lidera. Pérez e Lasso disputam voto a voto



Além da Esquerda Democrática, o Pachakutik, de Pérez, e o Centro Democrático formarão uma maioria sólida de tendências progressistas no Legislativo, com mais de 60% dos parlamentares. “Progressismo + Unidad Plurinacional + Social-democracia = 70%. Em 7 de fevereiro, o povo equatoriano venceu”, comemorou Arauz em suas redes. O sociólogo Héctor Rodríguez, que aposta em um segundo turno entre o candidato correísta e Yaku Pérez, atesta: “Esta jornada marcou a tendência que ganha força na América Latina. Venceram duas alternativas ao neoliberalismo com visões distintas do que significa ser de esquerda. Estivemos subjugados por um governo alinhado às ideias de Bolsonaro e Trump, e, aliás, tal como aconteceu nos EUA, a apuração aqui vai levar dias”.

Uma possível disputa entre Arauz e Pérez no segundo turno tenderia a ser mais acirrada do que o confronto entre o correísta e Lasso. O líder indígena mostrou força em seus domínios: teve 42% dos votos em Azuay, província de 1 milhão de habitantes que administra desde 2019. A redução de gastos em sua gestão, com corte de altos salários e de cargos de assessores, as mingas

– prática ancestral em que os integrantes de uma comunidade fazem um esforço coletivo organizado para alcançar um objetivo comum –, empreendidas durante o período mais agudo da pandemia para garantir suprimentos, e a participação em protestos e movimentos de defesa do meio ambiente e dos direitos sociais projetaram o nome do ambientalista e escritor, que anos atrás havia sido preso em manifestações para impedir a instalação de projetos mineiros e petrolíferos, os principais ativos econômicos da nação. “Estou comovida. Yaku tem o apoio de muitos indígenas e vamos colocar força, somar votos e ganhar o segundo turno”, anima-se Yanua Vargas, do povo Shuar Arutan, da Amazônia equatoriana.

Historicamente o Pachakutik nunca havia passado de 5% nas eleições. Desta

vez, a ênfase em uma proposta de esquerda ecológica e o modo alternativo de fazer campanha ampliou o alcance do discurso em áreas urbanas e na classe média ansiosa por mudança e renovação. Ao mesmo tempo, as críticas de Pérez ao correísmo, que desperta um sentimento parecido ao antilulismo, tende a soar bem aos ouvidos das elites, embora seu projeto econômico seja bem mais radical em relação ao agronegócio e à mineração. “O resultado de Yaku surpreende. Caminhamos para um novo ambiente político, sem a polarização de anos anteriores. A representação indígena sempre foi marcada pelo centreesquerdismo”, avalia David Rico, analista político.

Um plano de vacinação em massa, o combate à miséria e a revisão do acordo com o Fundo Monetário serão os principais temas do segundo turno. O anticorrismo é um fator não desprezível. Os candidatos terão um mês, até 11 de abril, para convencer os equatorianos se vale a pena reeditar os tempos da Revolução Cidadã – e seus inegáveis avanços sociais – ou mudar, seja com o neoliberalismo de Lasso ou o ambientalismo de Pérez. Antes, porém, é preciso afastar qualquer risco de fraude na recontagem dos votos. •

Cerca de 70% dos equatorianos optaram por nomes críticos da agenda de arrocho

